

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

NATHÁLIA DE SOUSA CARVALHO

LONGFORM BULIÇOSA:
VIDA E CONTRIBUIÇÃO SOCIAL DA HISTORIADORA NICE REJANE

IMPERATRIZ - MA

2025

NATHÁLIA DE SOUSA CARVALHO

LONGFORM BULIÇOSA:
VIDA E CONTRIBUIÇÃO SOCIAL DA HISTORIADORA NICE REJANE

Relatório técnico de Projeto Experimental
apresentado como requisito parcial para a
aquisição do título de Bacharel em Comunicação
Social - Habilitação em Jornalismo da
Universidade Federal do Maranhão - UFMA,
Campus Imperatriz.

Orientador: Professor Dr. Alexandre Maciel

Aprovado em / 06 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Professora Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro
Universidade Federal do Maranhão

Professor Dr. Domingos Alves de Almeida
Universidade Federal do Maranhão

À minha mãezinha, Valdenir Marques de Sousa, que, em
silêncio, sempre acreditou em mim. Nos banhos, nos
penteados e nos cafés da manhã preparados, dia após
dia, para eu ir à escola. Seu cuidado e paciência agora se
concretizam em conquista.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
1. INTRODUÇÃO	7
2. 10	8
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
3.1 Formato longform no jornalismo digital	13
3.2. Humanização da pauta	14
4. 1715	
4.1. Projeto gráfico	17
4.2. Justificativa do título	18
4.3 Divisão dos capítulos e lógica	18
5. BASTIDORES DA PRODUÇÃO	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
7. APÊNDICE	24
REFERÊNCIAS	29

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fé e meu sustento! Com Ele, sei que sou amada e ouvida. Se cheguei até aqui, foi graças a você, meu eterno Senhor. Obrigada por aliviar e acalmar minha alma. Eu te amo!

À minha mãe, Valdenir Marques, estrela bondosa, que foi morar com Cristo e nunca me cobrou nada. Sempre me deixou livre para estudar e trabalhar. Mamãe, eu carregarei seu legado de fé e amor.

Ao meu pai, Raimundo Rodrigues, pelo incentivo aos estudos desde criança e por nunca deixar faltar nada em nossa mesa.

Aos meus amigos de vida e faculdade, por todo apoio e por acreditarem em mim, em especial Tayná Duarte, minha dupla criativa, cheia de risadas e farrapas.

À minha irmã, Eliana Carvalho, que me ensinou a escrever melhor e, sempre que possível, me corrige.

Ao meu amigo jornalista Welbert Queiroz, pelo estalo deste tema de TCC e também por todos os ensinamentos de vida e de profissão. Minha admiração por você segue todos os dias!

Ao meu professor doutor e orientador, Alexandre Maciel, que me transformou da água para o vinho. Me ensinou a escrever texto jornalístico de forma poética e me apresentou o silêncio nas entrevistas. Gratidão por cada vírgula corrigida e pelos áudios imensos que valiam muitos replays, e me incentivaram a continuar.

A todas as minhas fontes que disponibilizaram seu tempo e abriram o seu coração para a realização deste trabalho. Pessoas ricas de conhecimento, de sensibilidade e de luta por uma sociedade com equidade.

A Nice Rejane, por aguçar minha paixão por Chico Buarque e me ensinar cinema sem sua presença de corpo.

RESUMO

Este trabalho apresenta o processo de produção do longform “Buliçosa: vida e contribuição social da historiadora Nice Rejane” (<https://www.nice-rejane.online/>), uma reportagem multimídia que narra a trajetória da professora historiadora, artista e militante Nice Rejane da Silva Oliveira, natural de Imperatriz (MA). A página online reúne textos jornalísticos, vídeos, fotos e documentos organizados por meio de hiperlinks que aprofundam a experiência do leitor. A apuração se deu a partir de entrevistas presenciais e remotas com amigos, familiares, colegas de trabalho e ex-alunos, utilizando técnicas jornalísticas, além de pesquisa documental. O objetivo é recuperar a memória e o legado de Nice Rejane, destacando sua atuação em defesa da educação pública, da valorização da cultura local, do cinema e do feminismo na região Tocantina.

Palavras-chave: Jornalismo narrativo; longform; perfil biográfico; educação pública, Nice Rejane.

1. INTRODUÇÃO

Este relatório técnico apresenta os caminhos percorridos na construção do longform multimídia “Buliçosa: vida e contribuição social da historiadora Nice Rejane”, um trabalho de jornalismo narrativo que resgata a memória, a atuação política e o legado cultural de Nice Rejane da Silva Oliveira, disponível no link <https://www.nice-rejane.online/>. Professora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul) e do Centro de Ensino Graça Aranha, militante dos direitos humanos, entusiasta do cinema e uma voz ativa na defesa da educação pública e das mulheres na política, Nice faleceu em 25 de março de 2021, vítima da Covid-19. Dias antes, utilizou suas redes para alertar sobre a gravidade do vírus, pedindo que as pessoas se protegessem e cobrando medidas mais rigorosas das autoridades.

O tema deste TCC surgiu de uma conversa informal com o jornalista Welbert Queiroz, que me perguntou se eu conhecia Nice Rejane. Eu já tinha ouvido falar, mas nunca a havia encontrado presencialmente. A partir dali, iniciei minha pesquisa, motivada por temas sociais e pela possibilidade de ser a primeira pessoa a escrever uma narrativa biográfica sobre ela. A princípio, a intenção era reunir uma apuração suficiente para elaborar um livro-reportagem, mas o formato de reportagem multimídia se mostrou mais dinâmico e adequado.

O objetivo principal deste produto foi produzir uma narrativa sensível e informativa sobre quem foi Nice Rejane, reunindo testemunhos de amigos, familiares, ex-alunos, colegas e documentos diversos para retratar sua vida em múltiplas camadas. Cada capítulo do longform foi pensado para oferecer um mergulho profundo em aspectos distintos da sua trajetória – da infância à militância, da sala de aula ao cinema, da política à sua luta final contra a Covid. A escolha pelo formato longform multimídia se justifica pelo desejo de romper com as estruturas rígidas das coberturas jornalísticas convencionais. O modelo permitiu uma abordagem mais livre, afetiva e imersiva, unindo texto, som, imagem e vídeo. O jornalismo narrativo foi essencial para acessar o sensível das fontes e construir um retrato humano de Nice.

Essa experiência também marcou minha formação enquanto repórter. Realizei entrevistas que duraram mais de três horas. Elaborei roteiros curtos, com no máximo quatro perguntas, e preferia que as falas fluíssem naturalmente. Aprendi a ouvir o silêncio, que, às vezes, vinha acompanhado de lágrimas. Entendi que depois da interrupção verbal, surgia a resposta mais profunda. Em muitos encontros presenciais, testemunhei a dor, o riso e a emoção viva. Entrevistar de forma online me entristecia, porque eu gostava de ver nos olhos das fontes a sinceridade do que era dito. Nas páginas a seguir, apresento as técnicas jornalísticas e aquelas de inspiração acadêmica que foram essenciais nos bastidores da apuração que resultou neste trabalho, além de descrever a estrutura do produto.

2. METODOLOGIA

A construção do longform multimídia “Buliçosa: vida e contribuição social da historiadora Nice Rejane” seguiu um percurso baseado no jornalismo narrativo, com ênfase na escuta sensível, na imersão com as fontes e no cruzamento entre memória, documentação e apuração. Para Sodré (2009, p. 70), o exercício jornalístico de uma “tradução intercultural da experiência humana”, se estabelece, principalmente, quando o repórter pode abdicar da “noção quantitativista de informação pública (quanto mais dados e detalhes, maior o conhecimento) em favor daquela dimensão *sensível*, que possibilita ao leitor uma compreensão do acontecimento mais *perceptiva* do que intelectual”.

A partir da escolha da personagem central, foi traçada uma rota de investigação que incluiu levantamento documental, entrevistas em profundidade e análise de registros audiovisuais disponíveis. A entrevista foi a principal técnica utilizada, tanto com os seus princípios jornalísticos, quanto com a inspiração acadêmica qualitativa. Na classificação de Jorge Duarte (2005, p. 62), “a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. Por sua vez, Gaskell (2005, p. 64) acrescenta que “o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”.

Entre conversas mais longas ou reduzidas, realizei, ao todo, 25 entrevistas, sendo 18 presenciais e sete online. A meta era que cada encontro tivesse pelo menos uma hora, para garantir acesso a detalhes, mas em alguns casos não foi possível segui-la à risca, conforme detalharei mais à frente, no relato dos bastidores da produção. O silêncio, inclusive, foi um recurso metodológico importante, recomendado por biógrafos experientes como os jornalistas Ruy Castro e Lira Neto.

“Muitas vezes a frase espontânea, impensada, dita de supetão e sem maiores elaborações - lançada pelo entrevistado para contornar e fugir ao próprio silêncio -, tende a ser a mais sincera, reveladora e verdadeira”, comenta Lira Neto (2022, p. 88). Mas, o biógrafo do ex-presidente Getúlio Vargas e da cantora Maysa, alerta que o repórter deve estar atento à natureza daquela suspensão do verbal. “Decorrerá de uma tensão ou receio em torno de algum assunto específico, de uma tentativa de se puxar pela memória mais profunda ou de simples perda do fluxo de raciocínio?”

Por sua vez, o biógrafo de Carmem Miranda e Nelson Rodrigues, Ruy Castro (2002, p. 74), recomenda que, durante as entrevistas, o jornalista deve conter o ímpeto de preencher possíveis lacunas verbais. “Ao contrário, deve deixar que o entrevistado se dê conta e se incomode com o ‘branco’ — no que, ao falar, se arrisca a dizer algo que não estava em seus planos (...) Como você pode garantir que ele terminará ali a resposta?”. Desta forma, aprendi que após a resposta da fonte, era essencial não interromper. Muitas das falas mais potentes surgiram justamente nesse intervalo – após a pausa, vinham lágrimas, lembranças e reflexões profundas, e de certa forma um constrangimento que forçava a fonte a falar mais alguma coisa.

Em casos em que a fonte demonstrava dificuldade para iniciar a fala ou manifestava preferência por uma condução mais direcionada, eu utilizava um roteiro com, no máximo, quatro perguntas principais. Jamais enviei as perguntas com antecedência, para preservar a espontaneidade e a sinceridade das respostas. Em uma situação específica, uma fonte pediu as perguntas previamente, e por isso optei por não realizar a entrevista. O critério foi sempre ouvir, observar, sentir o ambiente e conduzir a conversa com ética e empatia.

Estes foram alguns exemplos de perguntas. Para a irmã de Nice Rejane, Ana Regina: “Como Nice era como filha?/ Como foi a infância de vocês?/ Como era sua personalidade? /Como você descobriu que Nice estava doente?” Nas entrevistas com ex-alunos (as) da biografada: “Como a Nice era em sala de aula? / De todas as aulas, tem alguma que você guarda com muito carinho?/ O que mais você aprendeu durante essas aulas?/ Qual era o estilo de Nice?”. E, com amigos (as): “Como vocês se conheceram?/ A Nice falava sobre sonhos?/ O que vocês mais faziam?/ Como você ficou sabendo da sua partida?”

Ao estudar obras biográficas, o pesquisador Vilas Boas faz alguns alertas que foram importantes ao tratar o conteúdo das entrevistas:

Os relatos orais, sobretudo, impactam a exatidão. (...) Entrevistados com frequência alteram seus pensamentos e suas palavras conforme a idade e a convivência; lembram e mentem conforme a necessidade e a época; consciente ou inconscientemente, reproduzem o que apenas ouviram como se tivessem testemunhado; tentam agradar ou desagradar dizendo o que acham que o biógrafo quer ouvir. (Vilas Boas, 2002, p. 61)

A escolha do formato presencial foi preferencial. Sempre que possível, priorizei o olho no olho, pois considero que esse contato direto me permite perceber reações, hesitações e expressões não verbais. Além disso, há algo de muito vivo nas entrevistas presenciais – já chegaram a me dizer que pareciam sessões de terapia. Porém, quando o encontro presencial não

foi possível, realizei as entrevistas online, que, ainda assim, permitem fazer intervenções durante a conversa e observar as reações corporais das fontes.

Ao final de cada conversa, solicitava indicações de outras pessoas que poderiam contribuir com a história. Muitas vezes, escutava a entrevista com atenção justamente para pescar nomes e relações mencionadas pelas fontes. Assim, fui tecendo a rede de pessoas e memórias que ajudaram a compor o retrato de Nice Rejane, sempre preocupada em checar cada informação apurada com versões de duas ou mais fontes, ou mesmo provas documentais.

No que diz respeito à organização do material, inicialmente eu decupava todas as entrevistas, destacando as falas mais fortes, possíveis trechos de citação direta e informações que precisavam ser apuradas. No entanto, como os áudios eram longos, os programas automáticos de transcrição apresentavam muitos erros. Isso me levou a adaptar o método: passei a escutar os áudios e escrever diretamente, corrigindo e editando no mesmo processo.

Para sistematizar a narrativa, foram importantes as questões sugeridas por Ruy Castro: “Pessoalmente, tenho sempre em vista o mandamento básico dos jornalistas ao organizar uma notícia: estabelecer o que, quem, quando, onde, como e por que se deu cada fato. Na maioria dos casos, isso determinará a ordem e a lógica desses fatos, sem deixar o leitor se perder” (Castro, 2022, p. 154-155). Por outro lado, Lira Neto (2022, p. 117) acrescenta que é importante “[...] retratar os traços distintivos dos personagens, em seus aspectos físicos, emocionais e psicológicos. Uma boa narrativa pressupõe personagens consistentes”.

A técnica de redação foi baseada nos aprendizados do curso de Jornalismo, utilizando texto direto e indireto, organização cronológica, apuração rigorosa (sempre que possível com mais de uma fonte) e atenção a dados como idade, datas e formações. Durante a escrita, enfrentei o desafio da autocobrança e da reescrita excessiva. Muitas vezes, relia o mesmo parágrafo diversas vezes, sentindo que nunca estava bom o suficiente. Com o tempo, compreendi que o mais importante era deixar o texto fluir e, só depois, fazer as alterações necessárias. O acompanhamento do professor orientador também foi essencial para me ajudar a vencer essa etapa, corrigindo os textos e sugerindo formas de dividi-lo em capítulos temáticos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Falar de Nice Rejane é tratar de memória, resistência e representatividade. E também de como o jornalismo pode representar uma ferramenta para provocar reflexão social. Para a elaboração desta reportagem especial, foi escolhido o formato de longform multimídia. Um tipo de reportagem que valoriza o tempo, a escuta e a profundidade. Um espaço para dar sentido às ausências, que une texto, imagem e vídeo, mas que oferece, em troca, uma experiência de leitura imersiva e sensível. Longhi (2014), defende que esse modelo amplia a capacidade expressiva do jornalismo, pois combina linguagem, ritmo e sensibilidade. E convida o público a “mergulhar” e não apenas “passar os olhos”.

Ao analisar o lugar do longform no jornalismo online, Longhi e Winkes (2015) destacam que a grande reportagem não precisa disputar por quantidade de cliques. Ela propõe outro pacto com o leitor, que se sustenta na qualidade da narrativa. E que tem, como força, a capacidade de construir vínculos entre quem lê e quem vive a história contada.

Farah (2015) aprofunda esse debate. Para ela, o longform permite o cruzamento entre a técnica e a emoção. É um produto que pede responsabilidade, mas que, quando bem conduzido, ajuda a reparar invisibilidades. Este foi justamente o propósito deste trabalho: contar a história de uma mulher negra, professora, artista e que lutou pela cultura, educação e equidade em Imperatriz, a partir da visão de pessoas importantes que compuseram o seu círculo.

A internet potencializa essa multissensorialidade humana. Isso ocorre porque os meios digitais oferecem uma plataforma propícia à integração de linguagens, unindo texto, imagem, áudio, vídeo, gráficos interativos e outras ferramentas que permitem uma experiência comunicativa mais rica e envolvente. As reportagens multimídia, por exemplo, são capazes de narrar uma mesma história a partir de diferentes recursos, alcançando o leitor/ouvinte/espectador em diversos níveis de percepção.

A multiplataforma diz respeito ao cenário em que empresas jornalísticas operam de forma integrada em diferentes meios de televisão, rádio, impresso e digital para produzir e distribuir os conteúdos em diversas plataformas. Essa abordagem exige não apenas a adaptação de formatos, mas uma estratégia de articulação e coerência editorial entre os meios, visando alcançar públicos distintos e ampliar o impacto da informação.

A polivalência, por sua vez, está relacionada ao perfil do profissional de comunicação no ambiente digital. O jornalista polivalente é aquele que desempenha múltiplas funções: ele apura, escreve, edita vídeos, grava áudios, fotografa e gerencia as redes sociais. Esse modelo, muitas vezes adotado por questões econômicas e estruturais nas redações contemporâneas, exige uma formação ampla e uma grande capacidade de adaptação por parte do profissional.

Por fim, a combinação de linguagens refere-se à essência da multimidialidade como prática narrativa. Trata-se da integração de diferentes códigos, visual, verbal, sonoro, gestual que, juntos, proporcionam uma experiência mais completa ao usuário. No ciberjornalismo, essa combinação pode ser vista em reportagens que aliam vídeos documentais, gráficos interativos, mapas, textos explicativos, podcasts e galerias de imagens para narrar um mesmo fato de forma complementar e interligada.

Compreender essas dimensões é essencial para qualquer profissional que deseja atuar no campo da comunicação digital. Mais do que dominar ferramentas tecnológicas, é preciso entender como elas podem ser usadas para potencializar a narrativa, respeitando as particularidades da linguagem jornalística e a diversidade de públicos no ambiente virtual.

3.1 Formato longform no jornalismo digital

Segundo Longhi e Winkes (2025), embora o termo longform não seja exclusivo do ambiente digital, ele sempre foi utilizado para se referir a conteúdos que apresentam um tratamento mais longo e aprofundado de determinado tema. No entanto, com o avanço da comunicação digital, especialmente no jornalismo online, o conceito passou a ser revisitado e ganhou novos contornos. Em uma definição mais precisa, longform diz respeito a: “1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística), e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo” (Fischer, 2013, online, tradução nossa).

O resgate e a consolidação desse tipo de narrativa têm sido justificados por alguns autores devido à popularização dos dispositivos móveis, que facilitam a leitura e aumentam a portabilidade dos conteúdos. Em 2012, Marco Arment, criador do Instapaper – ferramenta voltada ao salvamento de artigos para leitura posterior, como o Read It Later – destacava que o longform exige uma leitura atenta, e que essa leitura, por sua vez, requer um ambiente livre de distrações. A produção jornalística tem passado por transformações significativas, especialmente com a ascensão da web, que contribuiu diretamente para o fortalecimento do formato longform. Se antes predominavam notícias breves nos ambientes digitais, hoje observa-se uma presença marcante das grandes reportagens multimídia, algo que também encontra raízes no jornalismo impresso (Longhi, 2014).

Segundo Longhi, o jornalismo online passou por diferentes fases ao longo do tempo, nas quais explorou progressivamente as possibilidades da linguagem hipermediática. Essa evolução resultou em uma nova forma de narrativa, que vai além do texto e integra diversos

elementos como vídeos, áudios e infográficos em uma mesma página, proporcionando uma experiência mais rica e complementar ao leitor.

Lenzi (2015) também destaca essa mudança no cenário midiático e aponta que é justamente nas reportagens multimídia que se encontram as inovações mais ousadas do jornalismo digital. Longhi (2014 apud Ribeiro, 2024) observa que os produtos jornalísticos hipermidiáticos começaram a surgir nos anos 2000, num processo que segue em constante evolução com o surgimento de novas ferramentas digitais. O avanço tecnológico facilita o trabalho do jornalista, pois garante um acesso mais rápido às informações e amplia as possibilidades de produção.

De acordo com Longhi e Winqes (2015, p. 188), o jornalismo longform não se resume a um texto extenso. Para os autores, esse tipo de conteúdo representa uma retomada dos princípios da boa apuração, contextualização e qualidade narrativa presentes no jornalismo impresso, especialmente por meio da reportagem. O texto longo, portanto, não é uma novidade da era digital, mas foi transformado nesse ambiente, incorporando recursos multimídia e uma nova maneira de se conectar com o público.

3.2 Humanização da pauta

A biografia, assim como a reportagem, pode cumprir bem o papel de informar, mas vai além: revela camadas de uma trajetória, conecta o público à história de vida de alguém real, tornando-se um espaço potente de reflexão e empatia. Nice é um exemplo de personagem cuja história merece esse olhar cuidadoso, detalhado e sensível. Sua trajetória é marcada por seu papel em lutas sociais.

Para Ijuim (2017, p. 242) pelo menos três situações o levam a acreditar na necessidade de humanizar o jornalismo: “a) quando caricaturiza o ser humano; b) quando ignora a complexidade do fenômeno; c) quando não reconhece o Outro”. Assim, é necessário colocar o ser humano como ponto de partida e ponto de chegada na narrativa, para ampliar o olhar, contextualizar e realizar uma reflexão sobre o acontecimento noticiado. Medina dialoga com Ijuim ao propor um diálogo possível entre o repórter e a sociedade.

Reportar os movimentos da cidadania, perceber o protagonismo dos sujeitos, o contexto coletivo em que estão inseridos, as raízes histórico-culturais que os particularizam, sondar os diagnósticos-prognósticos daqueles que pesquisam saídas para os impasses da condição humana, eis a *arte de tecer o presente*, em que se criam *narrativas da contemporaneidade*” (Medina, 2014, p. 75)

Assim, ao narrar a trajetória da professora Nice Rejane, foi preciso apropriar-se da escuta atenta e da sensibilidade. A biografia de Nice não se resume a fatos cronológicos; ela é também emoção, enfrentamento e transformação. Assim como uma reportagem humanizada, sua história é composta por detalhes que só emergem quando o olhar de quem escreve se abre para compreender o outro sem julgamentos (Ribeiro, 2024).

Moraes e Gouveia (2018) reforçam que a missão de narrar histórias exige mais do que apenas informar: é preciso humanizar. E isso é evidente ao contar a vida de Nice. Seus relatos de enfrentamento ao preconceito, suas conquistas na educação e o impacto da política de cotas em sua trajetória ajudam a ilustrar como a biografia pode ser também uma ferramenta de denúncia e transformação social.

4. ESTRUTURA DO PRODUTO

O produto é dividido em sete capítulos, cada um com uma temática central, contada a partir de vozes de pessoas que conviveram com Nice, documentos, trechos de falas e fotos. A linha do tempo se inicia na infância da personagem e segue até seus últimos dias, sem perder o fio da sua atuação política.

Capítulo 01 - Quem é Nice Rejane?

Narrativa sobre a personagem: sua infância, início da sua vida no esporte, como foi seu primeiro contato com a educação. Como ela entrou na universidade, as primeiras amizades construídas nesse local, até mesmo sua primeira tatuagem. As fotos de Nice na infância, a carteira estudantil, momento com seus pais, confirmam sua trajetória, além da fala da própria irmã e colegas de turma.

Capítulo 02 - Trajetória acadêmica

Festas acadêmicas para custear viagens acadêmicas e sua participação no DCE, além da ocupação dos integrantes do Movimento Sem-Terra na UEMA. Relatos sobre congressos de História e os detalhes de sua entrada na universidade como professora, após o seu primeiro concurso. Neste capítulo, as falas da professora Liratelma, de Carlos Hermes e de Aurélio Gomes ajudam a compreender sua vida na universidade, em especial no Movimento Estudantil de Imperatriz e a construção da sua cidadania. Fotos de Nice no período da faculdade complementam a história.

Capítulo 03 - Se partir para repartir

Protestos, especialmente o que ela fica nua, que tiveram grande influência na independência da antiga UEMA, hoje Uemasul. Saíram até em capa de jornal, como é possível comprovar em imagem disponibilizada no site. Outro assunto neste capítulo é que, em 2000, Nice participou de protesto para regulamentar a profissão de professor de História. O leitor pode mergulhar, com auxílio dos depoimentos da ex-diretora Liratelma Cerqueira, do professor Alberto Maia, de estudantes como Mônica Mourão e Ana Muniz, além de registros do movimento estudantil, nas lutas por autonomia universitária — que culminaria, anos depois, na criação da Uemasul.

Capítulo 04 - Nice no Campo das Artes

Histórias com o Cinema do Teatro, com o Teatro Ferreira Gullar, com o NICE e a Associação Artística de Imperatriz (Assarti). Em alguns momentos, ela também escrevia para o jornal da cidade dando opiniões. Os registros visuais e narrativos reunidos para este capítulo incluem: vídeo exibido em 03/03/2010 no JMTV, TV Mirante, sobre o projeto Cinema no Teatro, reportagem de agosto de 2011, da TV Mirante, sobre o lançamento dos curtas produzidos pelo NICE, fotos do Boteco do Frei, incluindo a imagem de Nice trabalhando, imagem de Antônio Fabrício e Nice na calçada do Teatro Ferreira Gullar, além das declarações de Antônio Fabrício, Gilberto Freire de Santana, Marcos Franco e Expedita Vieira de Sá.

Capítulo 05 - Militância na educação

Participação no Movimento Ele Não, em projetos de extensão como o cursinho popular na Uemasul, seu mestrado em Cinema. Além disso, traz o depoimento de uma estudante do Graça Aranha sobre a época em que Nice foi professora do Ensino Médio e também sua participação como coordenadora do projeto “Caminhos do Sertão” na formação de professores. Um pouco do seu período como atriz, produtora artística e iluminista. O mergulho é nas imagens de Nice militando na rua, da sua atuação nas cidades vizinhas na educação e de uma história do ex-presidente José Sarney ao visitar Imperatriz em 2005.

Capítulo 06 - Últimas ações

Nice adoeceu no tempo da pandemia, mas isso não a parou. Poucos dias antes da sua cirurgia, ela continuou dando aulas e participou de projetos como o “Diálogos em Tempos de Pandemia” promovido pela Uemasul. Também reavivou o Cineclube Muiraquitã. Tudo alinhado a hiperlinks das lives que Nice participou, além de duas entrevistas.

Capítulo 07 - Morte e legado

Últimos dias de Nice, detalha a causa da morte e como ela encarava esse processo. Além disso, seu nome envolveu polêmica mesmo não estando mais aqui, aparecendo em uma votação para síndico de condomínio.

O público-alvo é amplo, mas com interesse nas pautas sociais. Pessoas que valorizam a educação pública, a arte, a militância política, os direitos das mulheres. Também é um produto que dialoga com estudantes, professores, pesquisadores, artistas e jornalistas — especialmente aqueles que gostam de histórias bem apuradas e reais.

4.1. Projeto gráfico

O projeto gráfico do longform “Buliçosa: vida e contribuição social da historiadora Nice Rejane” foi construído com o objetivo de transmitir, visual e simbolicamente, a força, a identidade e a complexidade da personagem. A paleta de cores adotada – marrom e preto – busca uma afirmação simbólica: o marrom remete à terra, às raízes e à ancestralidade; o preto à força, à resistência e à presença da negritude.

Foram utilizados elementos gráficos e visuais que dialogam diretamente com a estética negra, texturas inspiradas em tecidos e grafismos afro-referenciados. A capa apresenta uma fotografia de Nice que traduz sua ousadia e personalidade marcante — aspectos que definem seu modo de estar no mundo. Já a sobrecapa traz uma imagem dela na universidade, um espaço onde consolidou boa parte de sua atuação. Essa dualidade – entre potência e formalidade – é central para compreender sua figura e por isso foi incorporada desde o primeiro contato visual com a obra.

4.2. Justificativa do título

O título Buliçosa foi escolhido por ser uma palavra marcante, que sintetiza a personalidade inquieta, curiosa e provocadora de Nice Rejane. No vocabulário popular nordestino, “buliçosa” é aquela que não para, que está sempre se movimentando, questionando, interferindo — o que define com precisão a atuação da historiadora ao longo da vida acadêmica, política e cultural. Ao ser adjetivada dessa forma, a personagem ganha uma identidade que vai além da formalidade acadêmica.

4.3. Divisão de capítulos e lógica

A divisão dos capítulos parte da compreensão de que Nice Rejane era uma mulher de facetas, que se envolveu com a educação, a política, a cultura, os afetos e os conflitos. O título Buliçosa se materializa nessa estrutura: cada capítulo mostra um lado de sua movimentação constante, de sua inquietação diante da vida. A escolha por capítulos temáticos — e não meramente cronológicos — acompanha a trajetória de Nice, marcada pela atuação múltipla e sempre disposta a se envolver com novas questões.

5. BASTIDORES DA PRODUÇÃO

Meu orientador, Alexandre Maciel, recomendou que eu mantivesse um diário para registrar todos os detalhes da pesquisa, que se mostrou essencial para este relato dos bastidores de produção. Também busquei decupar e transcrever o conteúdo após cada entrevista, quando as informações ainda estão recentes e recuperáveis.

No dia 29 de agosto de 2023 fiz minha primeira entrevista, com o historiador Renan Chaves, que foi amigo de Nice Rejane. Longa, intensa e de partilha são maneiras de classificar esse momento. A conversa ocorreu via Google Meet e durou cerca de duas horas. Quando eu afirmava, em tom de encerramento, “eu acho que é isso”, Renan acrescentava mais contribuições. Deixei o silêncio fluir, e, após esses espaços, sempre surgiam mais detalhes.

Já sabia que Nice estava envolvida com muitas ações, mas cada vez, a partir das entrevistas, passei a conhecê-la mais. Dona de bar, iluminadora de teatro, treinadora (adorava esportes). Descobri também que ela era debochada, e conseguia tudo que queria. Renan me indicou vários entrevistados, mas alertou em relação aos cuidados que deveria ter com os familiares, pois ainda estavam em luto e não seria bom abordá-los em um primeiro momento.

Renan desabafou que desde o momento que tinha concordado em conceder a entrevista estava tenso. Apesar disso, mostrou disposição e contou seus momentos ao lado de Nice. Ao final, mesmo cansada, percebi como estava lidando com um trabalho de grande responsabilidade, mas que resultaria em um material importante de memória. Me sentia esperançosa e com medo, no anseio de que viessem mais entrevistas.

No dia 31 de agosto de 2023 ocorreram duas entrevistas, com uma média de 1h30 cada uma: a primeira com o ex-líder estudantil Jhonny Santos, na unidade Centro da UFMA, no período da manhã e a segunda com o professor Antônio Fabrício. Quando questionada por ambos, nas duas entrevistas, do porquê falar sobre Nice, respondi, sendo sincera, que não a havia conhecido, mas, a partir de algumas histórias que tinha ouvido, decidi saber mais.

A partir das conversas com esses dois companheiros de trajetória de Nice, descobri que ela trabalhou na candidatura do ex-prefeito de Imperatriz, Jomar Fernandes, além de que ela se candidataria a vereadora de Imperatriz, e segundo seus amigos, ela causaria impacto, independente se ganhasse ou não. De início, Fabrício quis chorar ao acessar as memórias sobre Rejane, mas no decorrer da entrevista ele se sentiu mais à vontade.

No dia 6 de setembro de 2023 programei uma entrevista com o professor Gilberto Freire de Santana, pessoa muito próxima e um dos mestres de Nice, na Uemasul. Logo que ele me viu, já me cumprimentou com meu nome e senti uma energia boa por parte dele. Fomos para uma

sala do Mestrado de Letras. Gilberto falou de Nice com alma. Seus olhos brilhavam de alegria e tristeza. Durante a entrevista, conheci o Núcleo de Cinema da Uemasul, que abriga, além dos filmes que Nice ajudou a produzir, um grande acervo reunido pelo professor. Nesse mesmo local, pude conferir, em um quadro, a capa do jornal em que Nice e Cláudio Marconcine aparecem nus, em um polêmico protesto nos corredores da universidade. Fiquei energizada ao ver aquilo e pensei: “Muito corajosa”.

Um ponto interessante que Gilberto abordou foi que Nice não era uma pessoa padrão. Mesmo assim, ela não ligou e se comprometeu na busca de melhorias para a antiga UEMA, já que, como o professor lembra, “até para um papel higiênico a gente dependia de São Luís”. Eu tinha mais perguntas para fazer, infelizmente, ele tinha que dar aula, mas foi proveitoso.

Minha primeira entrevista com uma aluna de Nice aconteceu no dia 20 de setembro de 2023. Não foi fácil, ela disse que talvez não conseguiria e, pediu que, se fosse possível, eu mandasse as perguntas antes. Eu não costumo agir desta forma, pois não resulta em um processo de diálogo natural e a pessoa acaba pensando muito antes de responder. Consegui convencê-la. O local foi na UFMA, em frente ao lanche e ao lado do auditório e o registro durou cerca 37 minutos, em uma tarde quente. Anna Luiza trouxe grande contribuição e mencionou que Nice era querida, mas também odiada. Ela marcou muito sua vida, tanto que a considera a melhor professora que já teve.

Outra entrevista importante ocorreu no dia 19 de setembro de 2023, com o vereador e professor de História, Carlos Hermes. Marcada inicialmente para as 9h, acabei aguardando o entrevistado por 46 minutos. Isso significou menos tempo para conversarmos, pois ele teria, logo na sequência, outras questões para resolver. Carlos não ficou à vontade, pois havia pessoas aguardando e teria que fazer visita a um bairro. Mesmo assim, dialogamos e ele se emocionou. Perguntei em relação ao que tinha ouvido sobre o suposto golpe de Jomar. Ele mencionou que não foi um golpe, mas sim, que perderam a eleição. Durou 30 minutos. Gostaria de ter tido mais tempo, mas deu pra aproveitar.

Duas entrevistas, envolvendo dois mundos diferentes, marcaram as atividades do dia 14 de setembro de 2023. A primeira aconteceu na Academia Imperatrizense de Letras, com a professora Liratelma Cerqueira, às 16h. Emocionante e marcada por revelações de como se vivia os anos 2000. Na época, ela era diretora da UEMA, que hoje é Uemasul. Apoiava Nice “debaixo dos panos”, como ela caracteriza, nos momentos de militância. Mas como tinha o cargo de gestão, não poderia ser descoberta em relação a essas atitudes.

A segunda entrevista aconteceu no Bar do Gil, que fica em frente à universidade, célebre reduto boêmio que tantas vezes acolheu Nice. com o jornalista Jairo Alves, mais conhecido

como Gonzo, amigo de Nice. No local, em uma mesa de bar amarela típica, estavam sentadas mais duas amigas de Nice, de muito tempo. Conversei com Gonzo, que se emocionou. As amigas também compartilharam sobre a personalidade de Nice: sagaz, inteligente e instigadora. Divertidos, sorridentes e sinceros. Mas gostaria de um ambiente silencioso, melhor para registrar essas entrevistas. Ainda questionei comigo: “Como o Gonzo é jornalista e me faz passar por isso?”. Aprendizados. As colocações coletadas nesse dia foram inseridas no texto de forma indireta, por conta do barulho, e não ser possível saber, exatamente, como a fonte falou. Cheguei em casa às 22h daquele dia proveitoso.

Em 21 de setembro de 2023, mais um dia produtivo, com duas entrevistas. Uma com o vereador Aurélio Gomes e depois com o jornalista e documentarista Fernando Ralfer, amigo de longa data de Nice. A primeira conversa aconteceu na Câmara de Vereadores de Imperatriz. Estava marcada para as 14h, cheguei cinco minutos atrasada. Aurélio estava em seu gabinete. Falei com ele e pedi 10 minutos, que se transformaram em 25. Mas acabou dando certo. Conversamos, perguntei a ele sobre a candidatura de Jomar Fernandes, que era algo que vinha fervendo em minha cabeça. Ele mencionou que não tinha presenciado, assim, não poderia relatar. Mas garantiu que Nice se candidataria a vereadora, mas depois desistiu, não sabendo por qual motivo.

A entrevista com Fernando Ralfer aconteceu na sua casa. A entrada do local já se mostrou bem característica: cartaz do presidente Lula pregado na parede. Uma residência acolhedora, cheia de plantas, aconchegante. Ralfer me recebeu com um álbum cheio de fotos da Nice e fiquei extasiada ao conferi-la em tantos momentos, jeitos, estilos, mas sempre com um sorriso no rosto. Novamente, a sensação de responsabilidade.

Pensando agora, não sei como Ralfer conseguiu ficar duas horas sentado numa rede. Essa foi a cena conversando comigo. Eu sentia e via nos olhos de Ralfer o quanto ele era apaixonado por essa amizade. Eu queria extrair algum ponto negativo de Nice, mas não veio novamente. Todos mencionaram o jeito questionador e sagaz que Nice tinha. No entanto, afirmavam que quem se incomodava eram aqueles que não a entendiam. A partir dos questionamentos, Nice levava todos a refletirem, e muitas vezes mudarem suas opiniões.

Com o avançar das entrevistas, passei a perceber que muitas vezes as histórias se repetiam, principalmente, nas falas dos amigos. O namorado de Ralfer estava na casa, e em alguns momentos, ele fazia contribuições. Gostei de conhecê-los. Soube também que a mãe de Nice não queria em hipótese alguma que Nice se candidatasse.

Quase um mês depois, no dia 22 de setembro, consegui entrevistar a arte-educadora e pesquisadora Mayara Alexandre. A conversa foi realizada virtualmente, via Google Meet, pois

a fonte se encontra em Foz do Iguaçu. Meiga, sorridente e de um vocabulário admirável, seu relato marcou desde o início, pois ela falou em ordem cronológica. Quando conheceu Nice e no tempo de sua morte, que é quando Mayara descobriu a sua gravidez, dois acontecimentos impactantes para ela. Gostaria de ter conversado mais, porém, ela tinha compromissos, porém a entrevista durou cerca de 1h30.

No dia 2 de outubro de 2023 entrevistei João Cândido Carvalho, professor de História da escola Graça Aranha, que trabalhou com Nice na época em que ela dava aula nesse mesmo local. Fui recebida na sala dos professores com a programação da semana da Consciência Negra, que seria realizada de 20 a 24 de novembro. Fui convidada a participar desse evento, numa roda de conversa para falar sobre Nice com alguns professores.

Senti João retraído algumas vezes, acredito que por conta da timidez, porém super educado e bom conversador. Ultrapassou algumas barreiras, creio eu, e conversou comigo. Mas quase no final do nosso bate-papo, quando soltei a seguinte pergunta “O que mais você guarda com carinho que aprendeu com Nice”- ele responde: “Só uma? Tem várias”. Aí eu disse: “Pode escolher ou falar todas. Gosto quando falam muito”. Ele não continuou e comentou que preferia responder. Respeitei e perguntei outra coisa: “Como você soube do que aconteceu com Nice”? Naquele momento, João decidiu interromper a entrevista, visivelmente engoliu o choro e, com muita dificuldade, confessou: “Não vou conseguir dar aula”. Eu peguei em suas mãos, agradei e mencionei, não como uma forma de confortar, que todas as outras pessoas com quem eu havia conversado também se emocionaram. Gostaria de abraçá-lo. Fica o questionamento como o jornalista deve agir nesses momentos, pois a fonte pode achar você sem empatia ou invasiva.

Em novembro de 2023, no dia 23, palestrei no projeto Ubuntu para uma turma da escola Graça Aranha, falando sobre a Nice Rejane. Estava na semana da Consciência Negra e a instituição promove diversas ações juntamente com os alunos. Lá eu contei meu processo de produção do trabalho. Como funcionavam as entrevistas, as apurações, fontes, além da importância do jornalismo, diferença entre notícia e reportagem. Momento de alegria e reconhecimento, não só pela Nice, mas também pela memória que estava ajudando a construir.

Quase desacreditada que não teria nenhuma fonte da família, no dia 30 de julho de 2024, consegui conversar com a irmã de Nice Rejane, Ana Regina. Esse bate-papo foi decisivo para o rumo da apuração, pois ela me revelou a infância, sua vida enquanto militante, e, principalmente, os últimos momentos que passou com Nice antes da sua partida. Graças a essas informações, consegui abrir o texto contando “Quem foi Nice Rejane”. A entrevista aconteceu via *Meet*, já que trabalha fora de Imperatriz, mas não interferiu nas memórias trazidas. Além

disso, Ana Regina se mostrou disponível para quando eu buscava confirmar informações e datas.

De maneira geral, uma característica das fontes e certamente do ciclo social de Nice é que são pessoas ocupadas, estudadas e comprometidas com o social. Eu gostei de conhecer cada um dos entrevistados, mesmo que às vezes eu me sentisse deslocada pela grande carga cultural que elas e eles carregam.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver esse trabalho foi, antes de tudo, um exercício de escuta. Consegui elaborar, espero, uma narrativa humana e profunda, como desejei desde o início. A cada entrevista, eu sentia que algo se transformava em mim. Estava ali como jornalista, mas também como alguém que se importa com o que você tem a contar.

A proposta inicial era um livro-reportagem, mas a mídia precisou ser adaptada em função da maior demanda de tempo que uma obra deste porte exige. Mas encontrei no formato digital um espaço para dar corpo à narrativa com liberdade visual e sensorial. Com essa adaptação, nasceu um longform multimídia — mais acessível e, ainda assim, fiel à proposta: contar a história de Nice com profundidade e verdade.

Entre os maiores aprendizados, está a certeza de que o bom jornalismo passa pela escuta, pela apuração e pela responsabilidade com as memórias alheias, como teorizam Ijuim, Medina e Fabiana Moraes. Lapidei ainda mais meus textos e me forcei a seguir a ordem cronológica, por mais entediante que esse processo possa parecer.

Para futuros trabalhos, penso que é importante começar a decupagem e construção textual logo após as entrevistas, sem acumular. Isso ajuda a manter o frescor da conversa e dá mais tempo para o processo criativo. Sem contar as cobranças excessivas. Você está a todo tempo com aquele texto, é claro que pode enjoar e não perceber algumas questões que apenas o orientador irá perceber.

Acrescento que este trabalho pode ser utilizado em escolas, sobretudo naquelas em que Nice atuou, como forma de perpetuar sua memória. Que sirva de inspiração para novos olhares sobre a História, como formadora de opinião crítica e sensível, além do cinema e a valorização da cultura. Além disso, fortalecer a memória da trajetória de figuras importantes na cidade de Imperatriz.

Por último, gostaria que esse trabalho não se encerrasse por aqui e se transformasse em um livro, e fosse colocado especialmente junto com outras obras em uma estante que ainda não

tenho. Nice Rejane não foi apenas uma personagem do meu TCC, em alguns momentos, ela se tornou minha professora, minha mestra, mesmo depois de partir.

7. APÊNDICE



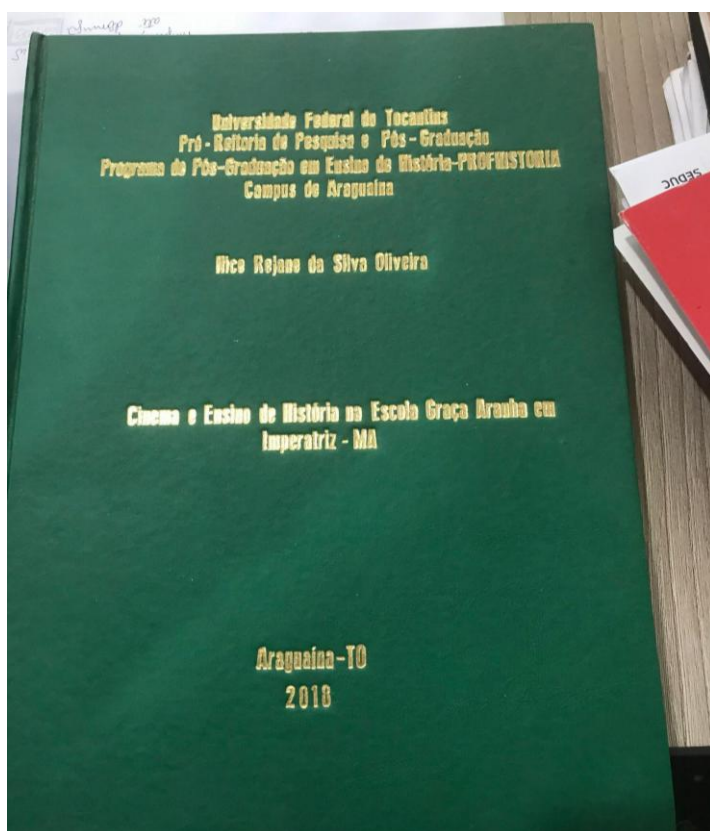
Dia 17 de maio de 2024 fui prestigiar o Cineclube Muiraquitã, na Uemasul. Quis vivenciar de perto o projeto, além de saber como funcionava.



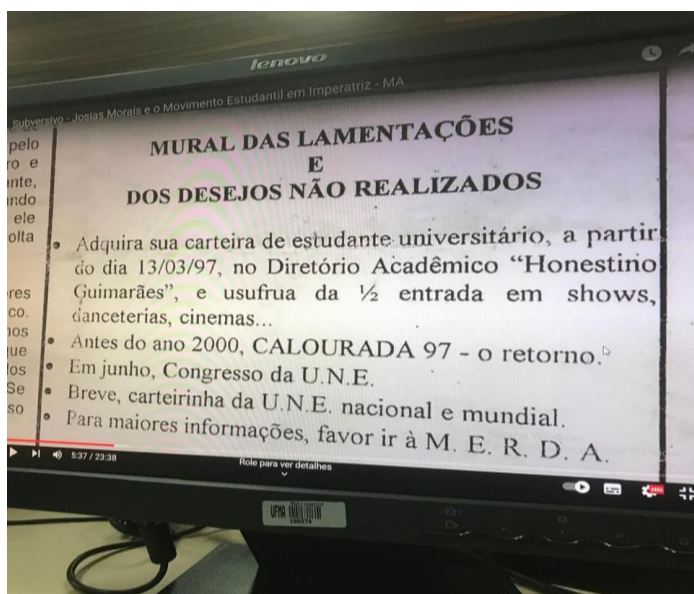
Estante de filmes doados à Uemasul pelo professor Gilberto Freire de Santana.



Fui convidada para fazer uma palestra sobre Nice Rejane, em consequência da produção do meu trabalho, no projeto Ubuntu, dia 23 de novembro de 2023.

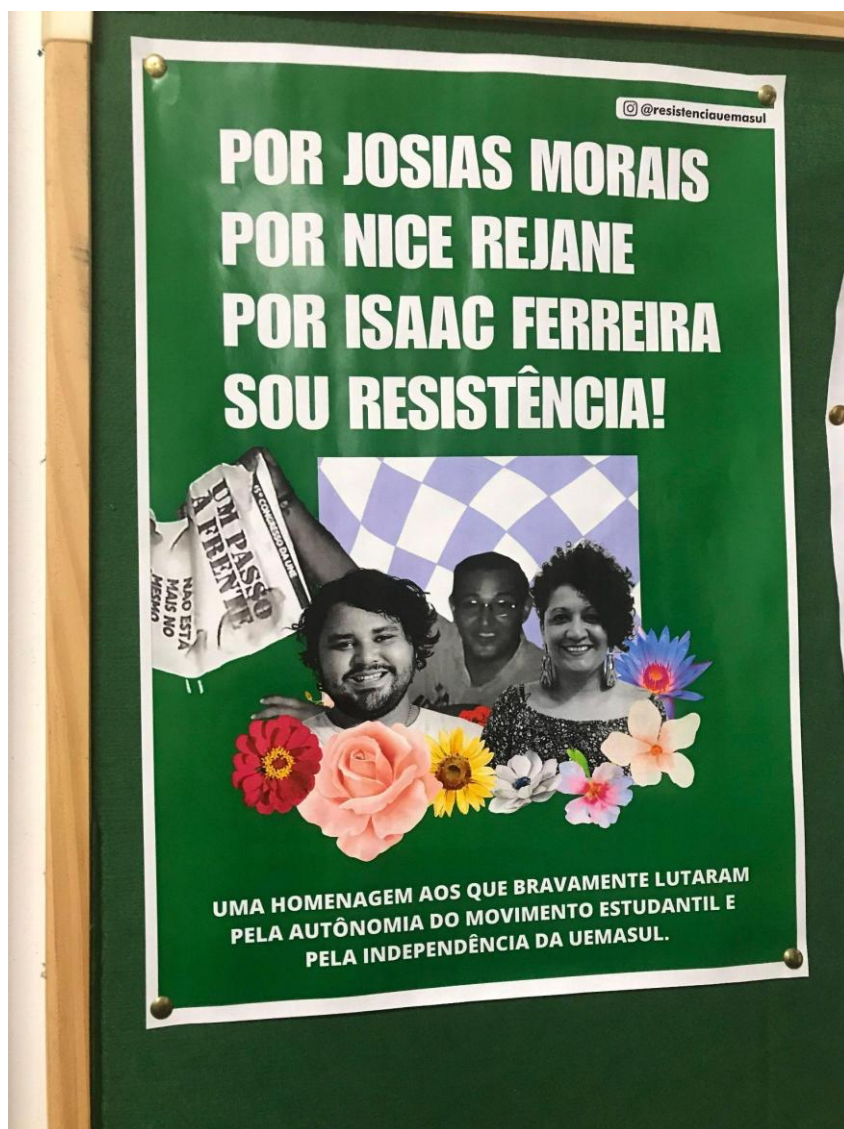


Livro da sua dissertação de mestrado deixado por Nice Rejane na escola Graça Aranha.



Momento de apuração por meio do trabalho Subversivo - Josias Morais e o Movimento Estudantil em Imperatriz - MA do jornalista Rafael Pestana. Acesse em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Z6FvCL14sDo>



Banner em uma das salas da Uemasul. Nomes que fizeram história e contribuíram para o movimento estudantil na universidade.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Ruy. **A vida por escrito**: ciência e arte da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FARAH, Ângela Maria. **Grande reportagem e especial multimídia: aproximações possíveis**. In: SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Anais do 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Brasília, 2013. Disponível em:

https://www.academia.edu/40385713/Jornalismo_de_dados_e_Grande_Reportagem_Multim%C3%AAdia_combina%C3%A7%C3%B5es_poss%C3%ADveis

Acesso em: 16 de abril de 2025.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.

IJUI, J. K. Por que humanizar o jornalismo (?). **Revista Verso e Reverso**, Florianópolis, v.31, n. 78, p. 235-243, 2017. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>. Acesso em: 20 abr. 2025.

LONGHI, Raquel Ritter. **A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo**. In: Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Porto Alegre, 2004. Disponível em:

https://www.academia.edu/37931716/A_grande_reportagem_multim%C3%ADdia_como_g%C3%AAnero_expressivo_no_ciberjornalismo_1. Acesso em: 14 de abril de 2025.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. In: SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/693>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

NETO, Lira. **A arte da biografia**: como escrever histórias de vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MEDINA, Cremilda **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

SODRÉ, Muniz, **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

VILAS-BOAS, S. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora Unesp, 2014.